

CONTAÇÃO DA HISTÓRIA “PÁSSARO AMARELO” DE OLGA DE DIOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Isadora Regina de Souza Amâncio¹

Franciane Sousa Ladeira Aires²

RESUMO: O presente trabalho foi redigido com o intuito de apresentar reflexões sobre o conceito de criança e infância, o desenvolvimento infantil e a importância da contação de história na Educação Infantil expandindo o papel do/a professor/a mediador/a de conhecimento aplicando o método história como prática pedagógica significadora. Visa-se, portanto realçar a importância da contação de história na vida das crianças contribuindo para se tornarem leitores ativos. Para tanto, foi utilizado o relato de experiência, que é um estudo de natureza qualitativa em que, o uso da contação de história do livro Pássaro Amarelo, da autora Olga Dios, para evidenciar a contribuição dessa técnica aos aspectos sociais, estimulando a comunicação, desenvolvimento intelectual e o compartilhamento de saberes levando a criança a socializar com outras crianças e a professora, expressando suas emoções, ampliando o seu vocabulário e a formação da sua identidade. Por fim, as reflexões apontadas nos convocam a concluir que a contação de história é uma válida ferramenta oral para a formação integral das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Contação de História. Relato de experiência.

1. Para contar uma história...

Ainda jovem, comecei a trabalhar como babá de bebês e de crianças de diferentes faixas etárias porque precisava ajudar nas despesas de casa. Dessa forma, me apaixonei, principalmente, pelo universo infantil e pela profissão, pois sempre gostei de estar com as crianças pequenas, contribuir para o desenvolvimento de habilidades e também nas atividades escolares, quando eu cuidava de crianças maiores.

Naquela época, proporcionava às crianças momentos lúdicos e divertidos, envolvendo-as em brincadeiras que levassem à aprendizagem e gostava de contar histórias que instigavam a imaginação e a criatividade das crianças. Assim, durante esse período pude conhecer muitos livros incríveis com um contexto e lição final que despertava sentimentos nos pequenos ouvintes.

Destarte, tais experiências contribuíram para a escolha do curso superior em Pedagogia, pois eu quis aperfeiçoar e aprender mais sobre tudo que eu estava amando fazer. Isso me levou

¹Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: isadora.amancio@yahoo.com

² Mestra em Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ). Professora do Núcleo de Educação da Infância da Universidade Federal de Lavras (UFLA) e professora do curso de Pedagogia a distância da Cead na mesma instituição. E-mail: franciane.aires@ufla.br

à oportunidade de trabalhar como monitora de uma criança com transtorno do espectro autista em uma instituição de Educação Infantil pública, onde iniciei em 2016 e permaneci por um ano.

Em 2017, após concluir o curso de Magistério em Nível Médio, que habilita a exercer a profissão de Professora de Educação Infantil, mudei de cidade e tive a chance de trabalhar em uma escola particular como monitora infantil na turma de primeiro período (crianças de 4 anos). Lá, pude ter mais contato com as crianças e bebês e observar o comportamento dessas. No ano de 2019, substituí uma professora regente de uma turma de primeiro período na mesma escola, onde pude desenvolver meus conhecimentos obtidos no curso e adquirir maior experiência frente a uma turma, como professora.

Neste período que fui monitora e professora regente, pude presenciar o desenvolvimento das crianças da primeira infância. Além disso, pude notar que as formas de se contar as histórias tinham o poder de envolvê-las, assim como na época em que eu era babá. Vi que, a partir das histórias, poderia auxiliar na compreensão de alguns valores como o de solidariedade, levando-as a compartilhar os objetos e até conhecimentos uns com os outros.

Acabei me recordando do livro *Pássaro Amarelo*, da autora Olga de Dios. É um livro que, particularmente, acho muito bonito. Além de tratar sobre a deficiência e inclusão do pássaro, fala a respeito da importância de se compartilhar descobertas e coisas novas com os outros. Em síntese, é a história de um pássaro que não voava, e para conseguir realizar isso que tanto desejava, criou um aparelho para voar e compartilhou com outros animais.

Diante do contexto, o tema escolhido para desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é a contação de história como despertadora de sentidos para que as crianças compreendam e possam agir no mundo, além das contribuições de tal proposta para o desenvolvimento integral dos mesmos. Portanto, apresento um relato de experiência a respeito da narração da história do livro “*Pássaro Amarelo*”, visando analisar as possíveis contribuições que o mesmo proporcionou para o desenvolvimento integral, focando o desenvolvimento da linguagem para as crianças que auxiliei.

A narração de uma história apresenta toda uma gama de oportunidades, e quando feita de forma criativa, uma criança que não sabe ler, tem a oportunidade de ser apresentada ao mundo literário. Por meio de uma história e por meio da linguagem verbal e gestual ela cria, ela imagina e aprende, pois “um dos instrumentos-chave inventados pela humanidade é a linguagem, e Vygotsky (2011) conferia à linguagem um lugar muito importante na organização e no desenvolvimento dos processos do pensamento” (LURIA, 1992, p. 49).

Portanto, antes de apresentar o relato de experiência, se faz pertinente, refletir sobre a

criança e seu desenvolvimento, e sobre a contação de história na Educação Infantil para subsidiar a análise da experiência que vivenciei com a história do “Pássaro Amarelo”, a fim de compreender como contribuiu para o desenvolvimento das crianças.

2. A primeira infância e seu desenvolvimento integral

É imprescindível pensar no conceito de Infância, que foi ressignificado ao longo da história da humanidade, e hoje, tem uma abordagem diferente do conceito inicial. Segundo Nascimento, Brancher e Oliveira (2008), na idade média a infância era um momento breve, logo que a criança se tornava menos dependente fisicamente dos cuidados de um adulto, e passava a se movimentar de forma autônoma, já que era reconhecida como um ser apto a tomar suas próprias decisões e até mesmo trabalhar, sendo incorporado plenamente ao mundo dos adultos. Assim, eram ensinados às crianças a prática de afazeres domésticos, os quais eram considerados uma forma de educação, já que os colégios eram considerados como privilégio de um pequeno grupo social (ARIÈS, 1981).

Atualmente, tem-se a concepção de que a infância é uma etapa da vida, que não se restringe à preparação de um futuro. Em nenhuma outra fase da vida os indivíduos se desenvolvem tão rapidamente e, em razão disso, a fase da infância tem recebido uma atenção especial. A criança possui direitos que são fundamentais, dentre eles, direito à saúde, ao bem estar, ao brincar livremente, à cultura, a conhecer lugares e a sociedade além da família, a tomar decisões e a ser ouvida, e também tem direito à educação para se desenvolver de maneira integral (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008).

Segundo Luria (1992), infância é um período entre o nascimento e a adolescência (em média 12 anos) e é dividida em duas etapas no Brasil, sendo a primeira infância de 0 a 5 anos e 11 meses e a segunda infância, de 6 a 11 anos e 11 meses (BNCC, 2017). A primeira infância, período envolvido no presente trabalho, compreende do nascimento até os 6 anos de idade de uma criança e é a fase, na qual, há mais mudanças em seu processo de desenvolvimento. Neste período, a criança está em desenvolvimento constante, apta para construir conexões e aprender de maneira efetiva, dando sentido a tudo que lhe é apresentado.

De acordo com Gouvêa (2011), nesta fase é que ocorre a apropriação da linguagem, em que a criança compartilha suas experiências e o que aprendeu sendo uma das mais importantes para o indivíduo, pois é nela que acontece a apropriação da cultura, atribuindo “significado ao mundo a partir do seu lugar social [...] a partir da cultura mais ampla e do diálogo com essa cultura” (GOUVÊA, 2011, p. 552). Portanto, nesta etapa se faz muito

importante uma educação de qualidade, por meio de métodos socioeducativos e lúdicos que colaborem com a cidadania infantil.

Em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (2010), a criança é um sujeito histórico que possui direitos e que em suas interações, relações e práticas do cotidiano, pode construir a identidade pessoal e coletiva, por meio de brincadeiras, imaginação, fantasias, aprendizado, observações, experiências e questionamentos. Com isso, a criança desenvolve sentidos acerca da natureza e da sociedade. Tal conceito corrobora com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2017), quando afirma que,

as crianças são sujeitos ativos, que constroem seus saberes interagindo com as pessoas e culturas do seu tempo histórico. Nessas relações, elas exercem seu protagonismo e, assim, desenvolvem sua autonomia - fundamentos importantes para um trabalho pedagógico que respeita suas potências e singularidades. Nas interações com culturas e saberes, elas constroem suas identidades, suas preferências e seus modos de ver o mundo (BRASIL, 2017, p.6).

Em se tratando de desenvolvimento infantil, normalmente a criança não se desenvolve de forma linear, podendo ocorrer avanços ou retrocessos. Cada criança deve ser tratada como um ser único, sendo respeitados seu tempo e necessidade. Sendo assim, estímulos como a leitura, a escrita, entre outras práticas devem permear os processos educacionais para que, assim, sejam desenvolvidas habilidades linguísticas e intelectuais.

Sendo a primeira infância a base para o desenvolvimento do indivíduo como um todo, a enciclopédia sobre o Desenvolvimento na Primeira Infância, de Tremblay e Boivin (2011), afirma que os contatos não parentais possibilitam contatos sociais mais amplos e assim possibilita que se abra um mundo social mais extenso para as crianças. Esse contexto gera experiências positivas que refletem em oportunidades educacionais em que as crianças tornam-se mais beneficiadas pela educação, se adaptando com maior facilidade às rotinas e tendo maior resistência aos conflitos. Contudo, o lar é o centro emocional da criança e é essencial o apoio da família para o desenvolvimento saudável dela.

Nesse sentido, o processo de aprendizagem inicia-se desde os primeiros dias de vida de um bebê e estende-se por toda sua existência, impactando-a e sendo muito importante para o desenvolvimento integral da criança. Os primeiros aprendizados são provenientes da interação da criança com o ambiente e com as pessoas que nele vivem, normalmente as crianças pequenas nesta fase são muito observadoras.

A partir das concepções supracitadas, nota-se também a relevância da Educação Infantil,

que deve ser ofertada pelo Estado de forma gratuita e com qualidade, sem requisitos de seleção. Segundo as DCNEI (2010), a Educação Infantil trata-se da etapa inicial da educação básica que é oferecida por meio de creches e pré-escolas.

É importante que as instituições de Educação Infantil busquem ofertar um atendimento adequado com acesso facilitado a materiais tal como a sua disponibilidade e conforto para as crianças.

Sendo assim, o processo de aprendizagem precisa ser estimulado de forma que a motivação das crianças pequenas seja mantida. Na primeira infância o mais indicado é utilizar o estímulo lúdico, no qual brincadeiras são usadas para desenvolver a linguagem, a atenção, a expressão corporal e a espontaneidade. Essa etapa pode envolver atividades educativas, leitura, atividades musicais que irão estimular a imaginação, memória, raciocínio, fala entre outras.

Segundo Gouvêa (2011, p. 548), “como sujeito de cultura e na cultura, a criança apropria-se da linguagem a partir de seu lugar social, definido pela condição infantil”. Em seus estudos, a autora busca caracterizar a alteridade da infância, resgatando a singularidade de suas formas de expressão.

Em dizeres de Gouvêa (2011), existem categorias que são artifícios que contribuem para o desenvolvimento infantil, tal como a “lingagem dos sem fala” que serve como modo da criança compartilhar suas vivências trazendo para a mesma estabilidade e incluindo-a como parte da cultura. Outra categoria seria “o brincar como significação do mundo” que traz a possibilidade da criança superar aquilo que a desafia a interpretar a seu modo o mundo. O ato de brincar possibilita a interação da criança com o mundo, a socialização, a expressão, a exploração, proporcionando seu desenvolvimento integral.

Ainda entre as categorias citadas por Gouvêa (2011) estão a “imitação: interação e apropriação”, e a “imaginação: reprodução e criação” que são muito importantes para que a criança expresse a forma como interpreta e absorve a realidade. Através da imitação a criança além de significar o mundo adulto, interage com a sociedade. É importante estar atento às imitações da criança, pois ela tende a imitar aquilo que busca compreender. Juntamente com o desejo de compreensão expressado pela criança caminha sua imaginação, que permite explorar o novo, criar possibilidades e invenções. Na imaginação é permitido que a criança crie algo em mente e reproduza a partir do que lhe é passado. Por muito tempo, a imaginação foi considerada prejudicial às atividades pedagógicas, pois acreditava-se que a criança poderia estar fugindo do que é real. Porém sabe-se nos dias atuais que a imaginação permite o desenvolvimento da criatividade que é necessária para a inserção do indivíduo no mundo.

Gouvêa (2011) afirma que a “repetição como significação” gera nas crianças pequenas

a sensação de querer refazer aquilo que lhe parece prazeroso, podendo se tratar de uma brincadeira ou até mesmo atividade escolar. Através desta, a criança pode experimentar emoções e elaborar suas ideias acerca de experiências ao longo da vida. O interesse de uma criança, por um determinado ensinamento, se dá a partir do momento em que ela o repete e compreende, sendo estimulada assim a partir para um novo aprendizado.

Segundo Gouvêa (2011), também contribui para o desenvolvimento da criança a “dimensão estética”. A criança expressa e otimiza sua criatividade, e a expressão estética se faz importante ainda para que seja estimulado um lado artístico. A evolução artística de uma criança expressa seu desenvolvimento cognitivo.

Além disso, a autora ainda diz que de todas as categorias já citadas temos ainda o “grupo de pares” (GOUVÊA, 2011). Esta por sua vez refere-se à capacidade da convivência coletiva da criança, sendo necessária sua boa relação com outras pessoas para se espelhar e concretizar seu desenvolvimento. Esta convivência deve incluir regras para que a criança compreenda os limites e respeite seus pares.

A vida de uma criança tem participação no mundo e enriquece nossa percepção em relação à importância da cultura infantil. Por isso, se faz necessário compreender a importância das interações para a aprendizagem da criança. Vygotsky (2011), em sua teoria da zona do desenvolvimento proximal, refere-se ao processo de mediação da aprendizagem. Para o autor, a criança se desenvolve a partir das experiências promovidas pelo ambiente que a cerca, interagindo e aprendendo com o outro.

Nesse sentido, para que o desenvolvimento aconteça há uma combinação de fatores como: cuidado, afeto, nutrição, interações, brincadeiras e estímulos. Sendo assim, a zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky (2011), trata-se de um conceito que define o processo pelo qual o estudante passa entre o desenvolvimento potencial, que é um nível inicial, no qual a criança alcança a resolução de problemas apenas com intermédio de um adulto ou apenas em parcerias, e o desenvolvimento real, que é o nível de desenvolvimento no qual a criança consegue resolver um problema por si só, sem a necessidade de intermediários, a criança possui conhecimento consolidado e autonomia.

Na zona de desenvolvimento proximal, a criança possui o potencial para obter conhecimentos não alcançáveis no momento e se encontra na etapa de maturação de novas funções, porém não completou este procedimento ainda. Isto traz a ideia de que se faz necessário uma estrutura prévia para a construção de qualquer aprendizado, tendo embasamento para obter conhecimento. “Desde o momento do nascimento, as crianças estão em constante interação com adultos, que ativamente procuram incorporá-las à sua cultura e a

seu corpus de significados e condutas, historicamente acumulados” (LURIA, 1992, p.49).

A partir das concepções supracitadas, nota-se também a relevância da Educação Infantil, que deve ser ofertada pelo Estado de forma gratuita e com qualidade, sem requisitos de seleção. Segundo as DCNEI (2010), a Educação Infantil trata-se da etapa inicial da educação básica que é oferecida por meio de creches e pré-escolas.

2.1. As interações e brincadeiras na Educação Infantil

É importante que as instituições de Educação Infantil busquem ofertar atendimento com acesso facilitado a materiais tal como a sua disponibilidade e conforto para as crianças. Uma formação docente de qualidade é de enorme importância nesta etapa, para que as professoras e os professores possam compreenderem as especificidades das crianças e das infâncias.

Nesse sentido, a BNCC (2017) afirma a importância das interações e das brincadeiras como eixos de sustentação das práticas pedagógicas, fundamentadas pelo educar e cuidar que são indissociáveis na Educação Infantil. A essência da criança é brincar, se divertir e o uso dessas práticas estimula o conhecimento e afetividade tendo como função gerar aprendizado e saber.

Além do mais, a brincadeira permite a construção da autonomia da criança já que se trata de uma das formas mais complexas que ela possui de se comunicar com o mundo e com ela mesma podendo desenvolver habilidades importantes tais como: sua criatividade e capacidade de reflexão, colaborando na evolução dos aspectos de sua personalidade como os físicos, sociais, culturais, afetivos, emocionais e cognitivos (FLORES, 2011). O brincar trata-se ainda de um direito da criança, garantido pela Lei 8.069, de 13 de julho de 1990, em seu capítulo II, art. 16, inc. IV e os pais, educadores e sociedade em geral devem ser conscientizados disso.

Já existem estudos que comprovam o auxílio da brincadeira para que a criança vença seus limites, permitindo a vivência de experiências que ultrapassam sua idade e realidade momentânea. No ato de brincar as crianças se deparam com desafios que as impulsionam a refletir e encontrar resoluções para problemas.

Pode-se afirmar, inclusive, que brincando, a criança aprende a respeitar regras, a ampliar o seu relacionamento social e a respeitar a si mesma e ao outro.

Para a criança nada é mais importante do que os brinquedos, pois estes

proporcionam um mundo do tamanho de sua imaginação. Para que uma criança se torne um adulto saudável e bem ajustado é necessário que seu corpo esteja constantemente ativo, sua mente alerta e curiosa, seu ambiente dotado de materiais atrativos e sua inter-relação com as outras pessoas se efetive de modo natural e efetivamente bem estruturado (SANTOS; CRUZ, 2010, p. 68).

Brinquedos são fontes de interações de extrema importância lúdica e afetiva. Por meio de sua criatividade, a criança consegue transformar qualquer objeto em um brinquedo, ou seja, um brinquedo é gerado através da interpretação e compreensão da criança sendo a brincadeira uma prática do lúdico. Sendo assim, a brincadeira pode ser considerada uma projeção da realidade estipulada pela criança.

Nessa perspectiva, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 27) afirma que:

O principal indicador da brincadeira, entre as crianças, é o papel que assumem enquanto brincam. Ao adotar outros papéis na brincadeira, as crianças agem frente à realidade de maneira não literal, transferindo e substituindo suas ações cotidianas pelas ações e características do papel assumido, utilizando-se de objetos substitutos.

Portanto, ao brincar, a criança entra no mundo que a rodeia, o que confirma a ideia de que por meio da brincadeira a criança constrói suas aprendizagens e seu conhecimento. Para isso, a criança deve ter a liberdade de brincar da forma como lhe convém, sendo que a prévia determinação de como deve ser a brincadeira anula a liberdade de expressão inclusa neste ato, provocando reflexos nas atitudes e escolhas feitas pela criança ao longo de sua vida (NEGRINE, 2002). Dar à criança espaço e oportunidade para expressar suas ideias, movimentos e criatividade, dando-lhe a atenção e o estímulo necessário, é ajudá-la a se desenvolver plenamente.

A falta de materiais ainda é um empecilho em muitas instituições de ensino, para que seja permitido a melhor forma de utilização da brincadeira no contexto educativo. Pensando em possibilitar a inclusão de brincadeiras na Educação Infantil, poderíamos analisar a elaboração de estudos e planejamentos, a fim de desenvolver atividades envolvidas com a ludicidade presente na infância que, por sua vez, permite a criança um contato com o mundo físico e social, e lhe demonstra como as coisas são e funcionam (ZANLUCHI, 2005).

Outro fator altamente relevante é a formação de profissionais no que diz respeito à pesquisa e exploração da prática pedagógica. Um bom docente deve ser capaz de proporcionar experiências de naturezas diversas, para tanto deve buscar sempre formação continuada, refletir sobre a prática articulada à teoria, ter flexibilidade, dinamismo, disciplina, conhecimento teórico, criatividade, organização, ética, atenção e sensibilidade

(BRASIL, 1998). Ou seja, a professora deve ser pesquisadora de sua prática, como já indicava Freire (1999), quando discorreu sobre os saberes necessários a prática educativa, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*.

Sendo assim, as crianças são seres sociáveis de acordo com sua natureza. Portanto quanto mais dinâmica for a prática pedagógica, maior será sua contribuição na formação integral e desenvolvimento dessas. Dentro dos processos educativos está a prática de contar histórias, tema que iremos discorrer com mais detalhes na próxima seção.

2. A contação de história na Educação Infantil

Desde os primórdios da humanidade, contar histórias representa uma forma de por meio da oralidade transmitir conhecimentos, estimular a imaginação e a fantasia além de transmitir valores morais, estimular e desenvolver o interesse do ouvinte pela leitura.

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pela qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. *Literatura oral* ou *literatura escrita* foram as principais formas pelas quais recebemos a Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados (COELHO, 2009, p.16, grifo da autora).

Por meio das histórias as pessoas têm a oportunidade de se tornarem leitores e serem muito competentes linguisticamente, além de obterem infinitas descobertas e compreensões do mundo. Portanto, crianças que experimentam tal prática em sala de referência e em outros espaços da instituição têm maiores possibilidades de se constituírem como leitores, terem a linguagem formal apropriada e construir diversos conhecimentos.

O que torna a contação de histórias uma prática tão importante na Educação Infantil, é o fato de ser um dos primeiros caminhos para a ampliação do repertório cultural e permitir a expressão e comunicação. Contar histórias estimula ainda o desenvolvimento da oralidade, da escrita e propagação de cultura, além de criar laços. Este ato pode ser realizado tanto no âmbito familiar quanto nas instituições de ensino. É um procedimento que, com suas técnicas, desperta a atenção da criança e, conseqüentemente, auxilia o/a contador/a alcançar seu objetivo.

A contação de histórias permite a criança se desenvolver no meio em que vive com autonomia e liberdade. Através de ilustrações e expressividade, o/a professor/a consegue desempenhar um papel muito importante que é aguçar a criatividade e as emoções da criança de forma que a mesma possa pensar e entender a história contada.

[...] a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com a esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstância de vida. Descobrir isso e praticá-lo é uma forma de incorporar a arte à vida [...] (COELHO, 1997, p. 12).

O ato de contar histórias está presente na humanidade desde a antiguidade e, “antes de se concretizar em forma de escrita, na escola, a narrativa oral se faz presente na infância, com a contação de historinhas” (RODRIGUES, 2020, p.21). Sabe-se que “o homem se constituiu a partir da linguagem - os filósofos de nosso século nolo têm repetido com frequência (sic) - e seu modelo pode ser reencontrado em toda atividade social” (TODOROV, 2006, p. 54).

Rodrigues (2005), firma que a contação de histórias realiza a transição entre o que é fictício e o que é de fato real, incentivando assim a imaginação. Com o preparo da história a ser contada, é possível inteirar-se da experiência do narrador e de cada um dos personagens. “Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real” (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Desta forma, é importante no caso do/a professor/a, questionar-se como começar, de que maneira mediar a mensagem à criança, como esse público vai se conectar ao que está sendo contado e a melhor maneira de terminar a história. Pois tais questionamentos acima elencados, diante de uma obra podem direcionar a professora ou o professor a obter sucesso com sua contação de histórias.

De acordo com Mateus *et al* (2013), a contação de histórias no ambiente escolar era uma forma de distrair as crianças. Hoje, vêm ressurgindo a figura do contador de histórias, uma vez que a narração de histórias é um precioso auxílio à prática pedagógica de docentes na Educação Infantil. Essa prática instiga a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva a afinidade pela leitura, auxilia na formação da personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo.

Para Costa e Valdez (2007, p. 174),

ouvir histórias é prazeroso. Isso é incontestável. Inúmeros textos reforçam a tese do fascínio provocado ao ouvir o tão conhecido “Era uma vez...”. As emoções vêm à tona, os olhos brilham e vivemos de perto os sentimentos dos personagens. Elegemos os preferidos e rejeitamos os preteridos. Na imaginação vestimos fantasias, torcemos pelo final feliz e, de forma natural, nos encantamos.

É no encontro com a literatura que as pessoas têm a oportunidade de ampliar e aprimorar sua experiência de vida. Especialmente a literatura infantil tem papel eficaz no

processo de desenvolvimento e formação sujeito.

A literatura em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nessa sociedade em transformação: a de servir como agente de transformação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (COELHO, 2009, p.15).

A contação de histórias em sala de aula gera benefícios para todos os envolvidos, uma vez que a criança será instigada a imaginar e criar. Além disso, o/a professor/a irá mediar uma ação pedagógica divertida e produtiva e alcançará o maior objetivo que é proporcionar uma aprendizagem significativa para as crianças (MATEUS, *et al.* 2013).

Assim, a contação de histórias além de proporcionar um momento lúdico, desempenha a função de ampliar o leque de interpretações da criança e desencadear interesse da mesma pela leitura, fazendo com que tenha melhor desenvolvimento em suas múltiplas linguagens. Sendo assim, é reforçada a vital importância advinda da contação de histórias.

O ato de contar histórias não se limita apenas a narrar acontecimentos, seu significado vai além, sendo uma forma de abrir portas aos ouvintes para que desenvolvam a capacidade individual de leitura do mundo e da vida. O objetivo da contação de histórias para as crianças da Educação Infantil, se baseia, justamente, na necessidade de formar sujeitos com mentes férteis e que podem e anseiam enriquecer o mundo a seu redor com determinação para defender seu modo de pensar. As instituições de ensino devem incluir as histórias, contos e livros a suas práticas didáticas. A importância de tal inclusão se justifica, uma vez que, contar histórias é desenvolver a imaginação ressaltando a representação simbólica. Segundo Costa e Valdez (2007, p.174-175),

[...] não restam dúvidas de que contar histórias na Educação Infantil contribui para a formação global da criança. Tal prática, além de favorecer a relação afetiva da criança com o livro, desde a mais tenra idade, proporciona momentos de prazer, desperta a curiosidade, criatividade, fantasia e a imaginação.

As histórias, aumentam o contato com o livro para que as crianças possam ampliar o repertório cultural e imaginário. Dessa forma, a contação de histórias pode estimular a criança, intrigando-a, convidando-a a pensar e a fazer descobertas, provocando risadas, o espanto e o encantamento. Com todos esses sentidos aguçados, as crianças poderão desenvolver de forma integral, construindo uma relação de empatia com seus pares.

Promover a interação das crianças em espaços de convivência, aumenta a capacidade de compreender o mundo a partir da relação com o outro compartilhando entre si diferentes situações, sejam no próprio dia a dia escolar ou aquelas narradas em histórias.

Segundo Bettelheim (2002), a escola precisa promover a capacidade de encontrar sentido na vida; dotar a vida, em geral, de mais significados. Para o autor, a literatura canaliza informações culturais para a criança tendo quase tanta importância quanto os ensinamentos passados pelos pais, mães e demais familiares.

A leitura proporciona à criança a possibilidade de vislumbrar o que há de mais belo, pois um misto de criatividade e imaginação podem levá-la a locais e situações jamais esperados. Para Goulart (2019), estes sentidos são essenciais para o auto conhecimento, o ambiente em que vive e até mesmo o outro, com quem interage.

Silva, Melo e Santos (2019, p. 103) afirmam que, “ao ouvir história, a criança, mesmo ainda não alfabetizada, constrói sentidos e significados, expressa sentimentos, cria seu próprio mundo, vivenciando suas fantasias”, o que torna o ato de contar histórias o melhor meio para fazer com que a criança desenvolva sua imaginação.

Diante do exposto, estimular a construção do saber é de suma importância na formação dos sujeitos, e o ato de contar histórias facilita a conquista desta meta para profissionais da Educação Infantil.

3. Contando o percurso metodológico

Para o desenvolvimento desse estudo, o método de pesquisa utilizado foi o de pesquisa qualitativa. Em dizeres de Neves (1996, p. 01), a pesquisa qualitativa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Este método visa significar os acontecimentos do mundo social, associando a teoria e ação.

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (MINAYO, 2007, p. 14).

Desse modo, no presente trabalho os dados serão apresentados através de um relato de experiência envolvendo uma contação de história.

A importância de um relato de experiência é justificada pelo fato de que o conhecimento científico é formado através de diferentes modos de interpretação da realidade, sendo um processo complexo até alcançar uma conclusão. Por isso, há diferentes ideologias,

contextos e metodologias para que seja formulado um estudo. Entre as metodologias existentes, se encontra a pesquisa qualitativa.

Dentro de uma pesquisa qualitativa, relatar uma experiência trata-se de gerar conhecimento. Um relato de experiência requer que o autor busque na memória fatos que o direcionaram em seu estudo ao longo do tempo. Dessa forma, o sujeito pode relacionar suas vivências a relatos e teorias literárias, comprovando ou não sua veracidade através das conclusões pessoais que devem ser apresentadas ao findar o processo.

De acordo com o Instrutivo para elaboração de relato de experiência, da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG (2017, p. 01), o relato de experiência “é um texto que descreve precisamente uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para sua área de atuação. É a descrição que um autor ou uma equipe fazem de uma vivência profissional tida como exitosa ou não, mas que contribua com a discussão”.

O conteúdo a ser apresentado trata-se de uma vivência profissional na qual foi realizada uma contação de história com uma turma do 1º período, com dezessete crianças de 4 anos, de uma instituição particular de Educação Infantil. A obra escolhida foi o livro *Pássaro Amarelo*, da autora Olga de Dios. Ao depararmos com essa obra, na qual o tema central envolve o compartilhamento de ideias e descobertas, podemos perceber um grande potencial para se trabalhar estas questões na Educação Infantil. E refletirmos sobre as contribuições dessa experiência para com o desenvolvimento das crianças e para o campo da Educação, em especial, para a Educação Infantil.

4. A história *Pássaro Amarelo*: um relato de experiência

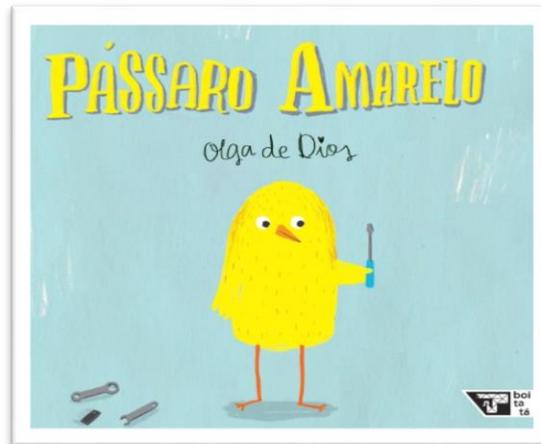
O relato aqui apresentado se refere à minha experiência como regente de turma, quando trabalhei com o primeiro período da Educação Infantil de uma instituição privada. A princípio busquei obter confiança e segurança na relação com as crianças. E assim, apresentei o livro “*Pássaro Amarelo*”.

4.1 Livro “*Pássaro Amarelo*”, de Olga Dios

O livro foi publicado em Espanhol, com tradução em Português por Thaisa Burani e publicado pela editora Boitatá. Ele é um livro pequeno e muito ilustrado, traz consigo diversas reflexões para as crianças e até mesmo para outras faixas etárias. O eixo central é a respeito do valor do compartilhamento. A história tem como protagonista um pássaro amarelo que tinha

asas pequenas e diversas habilidades.

Figura 1 – Capa do livro Pássaro Amarelo



Fonte: Google imagens (2020)

O pássaro muito inteligente e de bom coração não conseguia voar com suas próprias asas, desenvolvia várias coisas e estava sempre tentando ajudar e compartilhar suas invenções com os amigos. Entretanto, ele tinha o sonho de poder voar e conhecer novos lugares, assim como outras aves. Para que esse sonho se tornasse realidade, ele teve que se reinventar e criar uma máquina que o possibilitasse chegar ao céu e que também oferecesse segurança. Depois de várias tentativas, ele chegou ao objetivo com êxito. Assim, ao viajar, quando ele encontrava outros animais com o mesmo sonho e que devido à anatomia do seu corpo não podiam voar, ele compartilhava seu conhecimento e conseguia distribuir a sensação de felicidade e realização de um sonho para todos.

Além disso, o livro traz perguntas que estimulam o raciocínio e análise das crianças para identificar diferenças e semelhanças entre as personagens e cenas. Ele aborda a individualidade de cada personagem, a importância da singularidade e como é possível ter conquistas a partir do esforço pessoal e a cooperação de outros. Ele evidencia como a invenção de aparelhos melhora a vida na sociedade. Por fim, o livro mostra a gratidão do Pássaro para com o amigo que o ajudou.

Segundo a autora, “Pássaro Amarelo é um conto dedicado a todas as pessoas que compartilham livremente o seu conhecimento” (DIOS, 2016).

4.2 A contação de história

Ao apresentar a obra “Pássaro amarelo” que viria a ser apresentada, procurei explorar sua capa com todos seus componentes. Realizei questionamentos que exigiam a observação das

crianças e sua atenção, como por exemplo sobre as cores dos pássaros, sua capacidade de voar, suas experiências com pássaros, sobre a espécie do pássaro presente na capa, tudo isso com o objetivo de aguçar a curiosidade e obter o foco das crianças.

Além disso, utilizei práticas pedagógicas que visam tornar a vivência prazerosa e criativa para que dessa forma eu conseguisse proporcionar às crianças o desenvolvimento de habilidades como imaginação e criatividade. Planejei atentamente o material a ser abordado considerando características do público atendido, que neste caso seriam as crianças de 4 anos. Para abordar com propriedade o tema do livro, busquei maior conhecimento acerca de fatores que poderiam me auxiliar na contação da história com maior propriedade, como os hábitos dos pássaros e meio no qual vivem. Para manter o interesse e atenção, utilizei recursos visuais além de manter o contato visual com os mesmos e ser, na medida do possível, expressiva utilizando técnicas como variar o som da voz e movimentos corporais. Levantei ainda perguntas para que fossem respondidas estrategicamente por elas de forma que pudessem expressar suas opiniões e sentimentos.

Propus uma roda de conversa para que cada criança pudesse ter um momento para expressar sua opinião. Com isso pude estimular a socialização das crianças que está inclusa na categoria “Grupo de Pares”, citada por Gouvêa (2011), a qual considera a convivência com outras pessoas de suma importância para que o desenvolvimento da criança seja concretizado da melhor forma possível.

Criei ainda situações adversas e incomuns para que as crianças desenvolvessem a capacidade de resolução de problemas e compreensão dos mesmos, de forma que todos os pontos de vista fossem respeitados e que conseguissem chegar a uma conclusão coletiva.

Acredito e espero que essa experiência com a contação da história tenha sido produtiva e que as reflexões surgidas durante essa proposta tenham sido importantes para as crianças no que diz respeito à convivência em sociedade, para que estas vivenciem sua infância, produzam suas culturas, favorecendo suas inteirezas.

4.3 Reflexões sobre a contação de história

Na experiência que pude vivenciar, percebi que as crianças demonstram interesse em suas próprias atitudes, como por exemplo em suas brincadeiras. Elas incluíram o tema da narrativa em seus momentos de diversão, mostrando assim que eram capazes de interagir com a história e torná-la parte de suas vivências.

Foi notável que o desenvolvimento da criatividade, imaginação foi impulsionado pela

contação de história, visto que as crianças demonstraram interesses em criar novos desfechos e novos enredos para a narrativa. Assim, foi possível perceber que o trabalho com essa literatura contribuiu para o desenvolvimento das crianças, uma vez que oportunizou a elas ações dinâmicas, compreensivas e maleáveis, construindo reflexões próprias acerca do assunto abordado.

Em determinado momento, surgiu o questionamento acerca da convivência do personagem principal da história com demais personagens. À medida que as dúvidas e curiosidades eram levantadas, foi possível perceber a empatia das crianças para com as personagens do livro, mostrando que de fato suas imaginações estavam sendo tão aguçadas ao ponto de desencadear sentimentos às crianças.

Tornou-se nítido o entusiasmo com que as crianças ouviam a história, sendo notável o brilho que irradiava pequenos olhinhos e a forma como aguardavam cada acontecimento tentando adivinhar o que estava por vir. Nos momentos em que se sentiam decepcionados com os desfechos das situações narradas, as crianças questionavam o motivo pelo qual aquilo teria que acontecer, traziam ainda novas possibilidades de desfechos que lhes parecessem mais convenientes.

As crianças criaram uma grande estima pela história que lhes foi narrada, passando o restante do dia extasiados e fantasiando a realidade da história, direcionando a cada um o papel de uma personagem e assim, brincando coletivamente.

Algumas crianças vinham até mim para relembrar alguma passagem da história e assim recriar aquele momento. Tal interesse por parte das crianças possibilitou a proposta de que todas as ideias de desenvolvimento da história, assim como seu final, fossem realizadas. Dessa forma, senti que pude estimular a autonomia das crianças.

Algumas falas das crianças me chamaram a atenção, pois foi possível perceber que a narrativa conseguiu envolvê-los, são exemplos:

“Olha, o pássaro e os amiguinhos parecem a gente quando tem atividade em grupo”.

“Por que ele não fez diferente?”.

“Foi difícil, mas ele conseguiu”.

“Se ele não tivesse os amigos não ia conseguir”.

A falas das crianças mostram que a forma com que foi narrada a história trouxe benefícios no que diz respeito ao desenvolvimento de categorias apresentadas por Gouvêa (2011) como a imaginação: reprodução e criação, grupo de pares e a sua leitura do mundo.

Acredito que realizando a leitura e utilizando marionetes ao mesmo tempo, o foco por

parte das crianças seria ainda maior. Existiria assim, a possibilidade do toque e até mesmo a interação com as personagens, o que poderia gerar grande satisfação aos pequenos, já que o afeto demonstrado por eles foi grande.

5. Expondo algumas considerações finais

O uso da leitura e contação de histórias como forma didática estimula a apredizagem e ingressa as crianças no mundo da leitura. Como na Educação Infantil as crianças precisam ser motivadas para adquirir o hábito literário, contar histórias relacionando-as a outros meios didáticos cria uma vasta experiência para as crianças, desenvolvendo sua linguagem.

Como já observado por Silva (2017): “É essencial na formação de crianças, estas ouvirem histórias, pois provoca o imaginário infantil, suscita o intelecto e estimula a formação de hipóteses, assim desenvolvem as habilidades e seus potenciais”.

Observei que as crianças relacionaram a narrativa às suas realidades culturais e sociais, apresentando-as com liberdade suas opiniões, que, por vezes, são formadas através do que lhes é passado, não só em ambiente escolar como também em casa. Como consequência da didática utilizada, podemos atingir novas dimensões, sociais, culturais e até mesmo históricas, a partir de relações temporais localizadas pelas crianças entre a narrativa e a realidade.

A experiência de narrar a história “O pássaro amarelo”, foi extremamente produtiva e concluo esta vivência com sentimento gratidão. As crianças se divertiram através das brincadeiras que fazem parte de sua natureza, tiveram diversos sentidos estimulados, como a audição, fala, visão, assim como diferentes aspectos desenvolvidos, como a linguagem, socialização, imaginação e criatividade.

Através do trabalho coletivo, houve grande interação, liberdade de expressão, trocas de ideias, além disso, as crianças puderam trazer para suas realidades a esperança gerada pelo desfecho da história. Quando se desperta o interesse por parte da criança, torna-se mais simples o processo de aprimorar o hábito de leitura.

A leitura é um dos meios mais importantes para aquisição de saberes, é um instrumento básico para todo o sistema educativo. Entretanto, a atividade pedagógica não pode se limitar a ensinar a ler, é necessário que se leve o aluno a criar o hábito pela leitura (SOUSA, 2008, p. 07).

Ao longo do curso de pedagogia, me deparei com situações desafiadoras, como momentos de cansaço físico e emocional, momentos de dúvidas, mas nunca dúvidas acerca da minha escolha e amor pela pedagogia. Nestes momentos a paixão pela profissão pela qual optei

me fez mais forte, e em momento algum minhas adversidades me fizeram cogitar a hipótese de desistência.

Portanto, não considero que tenha tido dificuldades ao decorrer do curso. Porém chegado o momento da produção do TCC, me vi sim em situações um pouco mais complexas. Acredito que isso pode ser justificado pelo momento da conclusão do curso estar mais próximo a cada dia, o que gera de certa forma uma pressão, visto que é chegada a hora de concretizar o sonho de ser uma profissional memorável.

Neste momento creio que seria uma possibilidade dar seguimento ao estudo realizado, no intuito de me orientar na execução de minha missão como educadora. Ter a leitura como aliada no processo de educar, será essencial, não visando apenas a alfabetização como também a enorme importância social que ao decorrer do estudo pude perceber.

No geral, pude concluir que proporcionar leituras dinâmicas através da contação da história, de maneira que possamos aguçar o interesse das crianças, gera aprendizado de forma prazerosa. Além do mais, será sempre interessante a criação de ideias inovadoras para a Educação Infantil, para que possamos aprimorar o hábito de leitura para as crianças.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Trad. de D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2020.

_____. CNE; CNE, C. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Resolução CEB-CNE, 2009.

_____. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 20 ago. 2020.

_____. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. SEF. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2009.

COSTA, P. L.; VALDEZ, D. **Ouvir e viver história na educação infantil: um direito da criança**. São Paulo: Alínea, 2007.

DIOS, O. de. **Pássaro Amarelo**. Madri: Boitatá, 2016. 40 p.

FLORES, C. D. **A importância do brincar para o desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos**. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia – Licenciatura Plena) – Universidade Federal da Paraíba, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GOULART, I. do. C. V. (Org.) **Ler e contar histórias: das experiências profissionais a vivências pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 284p.

GOUVÊA, M. C. S. Infância: entre a anterioridade e a alteridade. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago, 2011.

LURIA, A. R. **A construção da mente**. Ícone, 1992.

MATEUS, A. do. N. B. *et al.* A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em ação**, v. 5, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477>>. Acesso em: 30 mai. 2020.

MINAYO, M. C.S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2007.

NASCIMENTO, C. T. do; BRANCHER, V. R.; OLIVEIRA, V. F. de. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Contexto & Educação**, v. 23, n. 79, p. 47-63, jan./jun. 2008.

NEGRINE, A. **O corpo na educação infantil**. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades**. Dissertação (Mestrado em administração de empresas)- Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária, São Paulo, 1996.

RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. 2005.

RODRIGUES, M. A. **Verossímil e o Imaginado: uma proposta de espaço onde perpassam narrativas pessoais e coletivas**. 2020. 153 p. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica) - Instituto Federal do Triângulo Mineiro, 2020.

SANTOS, S. M. P.; CRUZ, D. R. M. **Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche**. 10. ed. Petrópolis: Vozes. 2010.

SILVA, F. M. S. V. **A importância da contação de história na educação**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia - modalidade a distância) 40f. João Pessoa: UFPB, 2017.

SILVA, A. P. C.; MELO, A. P. D.; SANTOS, J. A. Contação de Histórias: vivências na Educação Infantil. In: GOULART, I. do. C. V. (Org.) **Ler e contar histórias: das experiências profissionais a vivências pedagógicas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

SOUSA, M. R. **O cordel na sala de aula: outra perspectiva de formação do leitor**. 2008. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Língua Portuguesa) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2008.

TODOROV, T. **As estruturas narrativas**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TREMBLAY, R. E. et al. **Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância**, 2004. Disponível em: <<https://www.encyclopedia-crianca.com/cuidados-na-infancia-educacao-e-cuidados-na-primeira-infancia/segundo-especialistas/cuidados-nao-1>> Acesso em: 05 out. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA VIDA. Departamento de Nutrição. **Instrutivo para Elaboração de Relato de Experiência**. Estágio em Nutrição em Saúde Coletiva. UFJF: Campus Governador Valadares, 2017.

VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**: a teoria de piaget sobre a linguagem e o pensamento das crianças. Arquivo Marxista na Internet, [S. l.], 3 jan. 2011. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/vygotsky/ano/pensamento/cap02.htm#topp>>. Acesso em: 23 fev 2020.

ZANLUCHI, F. B. **O brincar e o criar**: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação. Londrina: O autor, 2005.